

A LINGUAGEM ESCRITA PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICO-ACADÊMICOS NA DESCONSTRUÇÃO RIZOMÁTICA

THE WRITTEN LANGUAGE FOR THE PRODUCTION OF SCIENTIFIC-ACADEMIC TEXTS IN RHIZOMATIC DECONSTRUCTION

LA LENGUA ESCRITA PARA LA PRODUCCIÓN DE TEXTOS CIENTÍFICOS-ACADÉMICOS EN DECONSTRUCCIÓN RIZOMÁTICA

Milagros Elena RODRÍGUEZ¹
Ivan FORTUNATO²
José Anderson SANTOS CRUZ³

RESUMO: Na presente investigação, como objetivo complexo, buscamos desconstruir a linguagem escrita para a produção de textos acadêmico-científicos, reconstruindo-a em estratégias complexas. Por meio da escrita rizomática, discutimos a decolonização do tradicionalismo da produção acadêmico-científica por meio da transmetodologia complexa. O artigo é apresentado em quatro rizomas nos quais se discute a desconstrução rizomática, a transmetodologia como avanço sobre o tradicionalismo da ciência, estratégias complexas de escrita e as contribuições dos rizomas para a produção acadêmico-científica como meio de melhor compreender a complexidade das coisas.

PALAVRAS-CHAVE: Rizoma. Escrita. Transmetodologia.

ABSTRACT: *In the present investigation, as a complex objective, we seek to deconstruct the written language for the production of academic-scientific texts, reconstructing it in complex strategies. Through rhizomatic writing, we discuss the decolonization of the traditionalism academic-scientific production through complex transmethodology. The paper is presented in four rhizomes in which rhizomatic deconstruction is discussed, transmethodology as an advance on the traditional science complex writing strategies and the contributions of rhizomes for academic-scientific production as a means of better understanding the complexity of things.*

KEYWORDS: *Rhizome. Writing. Transmethodology.*

¹ Universidade de Oriente (UDO), Cumaná – Venezuela. Docente Pesquisadora Pós-Doutora Titular em regime de Dedicção Exclusiva do Departamento de Matemáticas. Pós-Doutora em Ciência da Educação (UNEFA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0311-1705>. E-mail: melenamate@hotmail.com

² Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Itapetininga – SP – Brasil. Coordenadoria de Formação Pedagógica. Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1870-7528>. E-mail: ivanfrt@yahoo.com.br

³ Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (PECEGE) (ESALQ/USP MBAs), Piracicaba – SP – Brasil. Professor Associado. Doutor em Educação Escolar, (FCLAr/Unesp). Editor Adjunto e Executivo da RIAEE. Editor da Editora Ibero-Americana de Educação. Editor e Assessoria Técnica para periódicos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5223-8078>. E-mail: andersoncruz.unesp@gmail.com

RESUMEN: *En la presente investigación como objetivo complejo buscamos deconstruir la lengua escrita para la producción de textos académicos-científicos reconstruyendo en estrategias complejas. A través de la escritura rizomática, discutimos la decolonización de la producción académico-científica del tradicionalismo por medio de la transmetodología compleja. El artículo se presenta en cuatro rizomas en que se discute la desconstrucción rizomática, la transmetodología como un avance sobre el tradicionalismo de la ciencia, las estrategias de escritura compleja y los aportes de los rizomas para la producción académica-científica como medio de comprender mejor la complejidad de las cuestiones.*

PALABRAS CLAVE: *Rizoma. Escritura. Transmetodología.*

Rizoma de Introito. Desconstrução rizomática como transmétodo em textos acadêmicos e científicos

Na presente investigação, como objetivo complexo, buscamos desconstruir a linguagem escrita para a produção de textos acadêmico-científicos, reconstruindo-a em estratégias complexas. Através da escrita rizomática discutimos a descolonização da produção acadêmico-científica do tradicionalismo através da transmetodologia complexa.

Podem ser apresentados textos acadêmicos em: teses, relatórios, projetos científicos, monografias, ensaios, apresentações, parciais, trabalhos práticos, arquivos, revisões, notas de classe entre outros, e não é verdade que estes não são científicos, são sim, provenientes da ciência clássica, de acordo com o paradigma modernista-pós-moderno-colonial. Em vez disso, contradizem sua própria essência, que dita que o que é ciência é o que é feito em suas estruturas. Aqueles de nós que investigam a decolonialidade sabem que isso não é verdade. Contudo, isso não remove o rigor, a exigência, a convicção, a coerência e a profundidade em qualquer texto.

Os elementos dos textos acadêmico-científicos são variáveis na medida em que dependem do nível de estudo, do paradigma metodológico e epistemológico, além, é claro, do contexto de produção e disseminação de seus resultados. Se é claro e notório que qualquer que seja a posição do pesquisador, os textos "não só têm que ser originais e fornecer novos conhecimentos científicos, mas também devemos fazer um esforço para garantir que eles estejam bem estruturados e escritos" (TORRES MORERA, 2013, p. 106). Ainda assim, devemos ser claros sob uma consciência ética sobre o que escrevemos, porque o que publicamos se torna disponível para a comunidade, que pode citar nossas declarações como verdades, o que nos deixa com uma grande responsabilidade. Por essa razão, nossa consciência libertadora e inclusiva deve estar cada vez melhor.

A necessidade de uma ética que ocorra, "quando você se importa com o que acontece com o outro e com o seu comportamento; o outro como ser humano, como um ser que tem legitimidade em sua existência" (MATURANA, 2003, p. 137). É de se reconhecer que nesta fase de sentir a ética gera criatividade e criticidade, induz sabedoria com pensamento configuracional e, também, a inteligência sábia e complexa, por entender o verdadeiro escopo da espiritualidade humana e da sabedoria.

É claro que, com a desconstrução das essências modernistas dos textos acadêmicos, que são textos científicos sob qualquer paradigma ou transparadigma, agora a ênfase, a linguagem subjetiva-objetiva e a responsabilidade são maiores em nós; não é essa complexidade que veio para deslegitimar a responsabilidade, a ética. As caracterizações desses textos serão carregadas com um alto nível de responsabilidade de uma essência ecosófica; considerando a arte de habitar o planeta; a responsabilidade do que fazemos e a intencionalidade com que fazemos isso. Estamos fazendo tudo isso desde o rizoma anterior com a desconstrução rizomática como transmétodo (RODRÍGUEZ, 2019a).

Com a desconstrução rizomática, a linguagem escrita é inspecionada em textos acadêmico-científicos, ou seja, uma introspecção é realizada, não uma varredura na crise; e vai para uma reconstrução da linguagem escrita sob estratégias complexas. Com esse transmétodo, os autores estão sofrendo com a investigação e estão presentes com seus sentimentos e subjetividades (RODRÍGUEZ, 2019b).

Com a desconstrução transmetódica, "vai-se à incisão das relações hierárquicas do poder, para a libertação da hegemonia e para a construção de uma sociedade antropolítica fundada na solidariedade social, humana e profundamente antropolítica; desconstruir é descolonizar" (RODRÍGUEZ, 2019c, p. 10). Logo, explicitamos com a desconstrução que é também uma forma de descolonizar discursos em textos acadêmicos e científicos.

Acompanhados pelo transmétodo, devemos, nos textos, atender a uma essência que é a diatopia que "não só requer um tipo diferente de conhecimento, mas também um processo diferente de criação de conhecimento. Requer a criação de um conhecimento coletivo e participativo baseado em trocas cognitivas e emocionais iguais, conhecimento como emancipação, e não conhecimento como regulação" (SANTOS, 1998, p. 30).

Assim, para alcançar o objetivo de desconstruir para reconstruir a produção de textos acadêmicos e científicos por meio de estratégias complexas, apresentamos este artigo em mais três rizomas. Eles são apresentados na seguinte ordem de escrita: o rizoma da transmetodologia, no qual buscamos revelar a transição transepistemológica desejada. Seguimos o principal rizoma do artigo, no qual discutimos estratégias complexas de escrita. Por fim, destacamos as

considerações mais fundamentais desse processo de escrita, com o objetivo de ampliar as discussões necessárias sobre o que significa escrever academicamente e cientificamente. E tornar-se libertador e inclusivo do ser humano e da referida complexidade dos problemas sem contaminações.

Rizoma transmetódico. Da escrita da tradição à transmetodologia

A máxima da transmodernidade no sentido de seu escritório decolonial, como diz Enrique Dussel, é proteger as vítimas da modernidade; mas reconhecendo o positivo desta e integrar os separados e execrados em um diálogo de conhecimento. No livro "1492: O Encobrimento do Outro", Dussel (1994) mostra isso com maestria. Precisamente, o diálogo do conhecimento também salvaguarda o essencial da modernidade em termos de redação de artigos científicos; mas ao desvendar a evasão, ele consegue integrar a subjetividade, o sentimento dos autores que ampliam as investigações e as tornam mais complexas. Saindo então, em primeiro lugar, da forma como são apresentados à forma como é aprofundado e à relevância do que é fornecido sobre o assunto.

Quanto aos métodos para as investigações, não é uma questão de tirar-se para colocar em mim, nunca; são visões transparadigmáticas e que deixam de lado o reducionismo. Queremos dizer que o qualitativo está entrelaçado com o quantitativo, com o sócio-crítico e isso não pode ser separado. Os *topoi* criados com pensamentos abismais do Ocidente nas palavras de Boaventura De Sousa. A história da humanidade e da ciência não pode ser apagada se desconstruir e procurar o melhor dela é nosso interesse para, assim, poder despertar consciências sobre ela e sobre a alta responsabilidade diante do planeta. Com a dúvida de que há uma crise mundial e ela pertence à humanidade. Os cientistas e aqueles de nós que investigam têm, então, uma significativa responsabilidade na busca de diferentes contribuições que abordam a complexidade da vida.

Em tudo isso, os transmétodos: além dos métodos tradicionais, com eles os ampliando, tornando-os mais complexos com o sujeito investigativo; por exemplo, a hermenêutica ecosófica e diatópica abrangente (RODRÍGUEZ, 2020a) leva o melhor da hermenêutica clássica, vista como uma forma de investigar e com as categorias da ecosofia e da diatopia de Raimón Panikkar, Boaventura De Sousa, Rigoberto Pupo; entre outros. No caso do transmétodo, a hermenêutica fundiu a diatopia com a ecosofia e disso nasceu a hermenêutica, que segue os passos analíticos, empíricos e propositais de Boaventura. Qual é a diferença entre a hermenêutica tradicional, que é uma ciência e ela mesma quando usada como método? Em

primeiro lugar, cabe assegurar que as subjetividades do investigado que intervêm diretamente com sua voz nas investigações sejam salvaguardadas. Em segundo lugar, este movimento vai procurar transepistemas complexos e transdisciplinares. Assim, os transmétodos também participam ativamente da produção de textos acadêmicos e científicos, levando métodos tradicionais para outros lugares fora do paradigma que se acredita impor como investigar e chegar a supostas verdades, excluindo formas de ser e viver. Grande erro no meio de grande complexidade em todos os sentidos.

Sabemos que os textos são caracterizados pelo fato de que devem ter um propósito, um público que vai lê-los e/ou revisá-los, uma linguagem que nem sempre será objetiva. Pois o objetivo puro não existe sem o subjetivo e o subjetivo está impregnado de objetividade. Objetividade-subjetividade, qualitativo-quantitativo, local-global, abstrato-concreto; todos são processos que não estão separados, mas que a imposição do paradigma dominante: o simplista imposto, são *topoi* separados pelas convenientes imposições, bem como homem-mulher, branco-preto, Sul-Norte, Leste-Oeste; entre tantos outros que negam a natureza complexa da vida.

Essas caracterizações tradicionais de textos acadêmicos: propósitos, ênfase, linguagem objetiva, endereçamento, atualmente são altamente discutidas no complexo transparadigmático, em que as conexões que minimizarão o pensamento ocidental abismal desses *topoi* tendem a ser conjugadas com as subjetividades dos pesquisadores permeados com sua linguagem. E a linguagem em si que não é subjetiva não é uma língua como tal; porque a linguagem é carregada e permeia o ser humano e sua particularidade. Lembremo-nos de Humberto Maturana, que nos deixou um imenso legado; desenvolvido em plena modernidade, mas escapou de seus preceitos com categorias de excelência que os chamados textos acadêmicos permeiam: linguagem, subjetividade, sensibilidade; entre outros (RODRÍGUEZ; FORTUNATO, 2021).

A sensibilidade conceituada em Humberto Maturana, categoria execrada pela modernidade-pós-modernidade-colonialidade é considerada como parte de nossas subjetividades na complexa concepção da vida; alertando o vagalume planetário, centésimo (100) anos de idade, Edgar Morín "qualquer conhecimento da realidade que não é animado e controlado pela complexidade está condenado a ser mutilado e, nesse sentido, tender a falta de realismo" (MORIN; KERN, 1993, p. 155).

Nessa toada, em Humberto Maturana, a sensibilidade faz parte da cognição do ser humano, pois ao contrário do que tem sido considerado cognição, é uma experiência enraizada no desejo, nas emoções, na sensibilidade e no sentimento do ser humano que ocorre em um

contexto histórico e é reproduzida como uma teoria a partir da "coincidência ininterrupta de nossa existência, nosso fazer e nosso conhecimento" (MATURANA; VARELA, 1995, p. 25).

Sendo assim, a escrita, como sempre em qualquer atividade humana, precisa de recursos para cumprir os propósitos e alcançar o público que temos a intenção; tendo cuidado que, como existem publicações, o público não é decidido pelo escritor; certamente o público em uma revista de alto impacto ou outro espaço. Mas como está disponível como texto, pode atingir outro público. Gostaríamos de ser compreendidos em qualquer caso, mesmo que seja moderadamente e a linguagem seja muito técnica devido à especialização do caso? É claro.

Deve-se notar, então, que "um artigo bom, mas mal escrito, atrasa ou pode até mesmo impedir seu processo de aceitação e publicação. Esta, é claro, não é uma lista completa, pois cada revista tem suas regras específicas que devem ser sempre consultadas e seguidas, mas pode ajudar quando queremos publicar o que fizemos" (TORRES, 2013, p. 105). E isso pode acontecer com aqueles de nós que fazem muitas tarefas e a escrita não é cuidadosamente revisada. Assim, podemos aprender que devemos rever, ter outra opinião, e não devemos estar com nossos escritos quando editores e a comunidade de banco de dados têm laços que permeiam o autor, e forçá-lo a escrever de modo tendencioso se ele quiser publicar.

Esta revisão não é apenas sobre como escrevemos, mas sobre o que excluimos ao querer agradar às normas, para ficar bem em um sentido banal, para se encaixar com revistas e pesquisadores, para castrar pós-graduandos com questões fiscais e uma falsa realidade.

Comenta-se como uma anedota que um dos transmétodos foi enviado para uma revista de prestígio, que foi aprovada, e se a comunicação ao autor foi modificada nos títulos dos rizomas, o que o autor não investigou é que a revista estava tão fechada que teve que ter a síndrome de Introdução, Desenvolvimento, Resultados e Conclusão. E ao mesmo tempo em que ele intitulou o artigo com rizomas, o editor decidiu colocar seções em cima dele com os referidos títulos que, naturalmente, era óbvio que não tinha sido o autor que fez tal contradição; finalmente, a desconstrução rizomática como transmétodo viaja o mundo com este artigo e, apesar disso, teve, para a glória de Deus, bons comentários e tem sido usada em várias investigações. Com muitos desgostos, e essa é a nossa primeira recomendação: que não importa quantos recursos bíblicos tenhamos, sempre seremos afetados negativamente; faz parte de exercícios de poder, de mal-entendido e da própria vida.

No final, um texto bem valorizado sempre terá alguém que o valorize. Consideramos que os textos devem ser carregados de diálogos-dialéticas que despertam interesse e nos incitam a pensar profundamente, o desenvolvimento metacognitivo de alto nível que chamo de halterofilismo do pensamento (RODRÍGUEZ, 2020b) que coexiste com o conhecimento

transdisciplinar; que as disciplinas vão além para alcançar essências em comunidades de aprendizagem que transcendem o que foi feito até agora. É nosso dever melhorar a cada dia, por isso, compartilhamos para seguir algumas estratégias de escrita.

Reconstrução de rizoma. Estratégias complexas de escrita na produção de textos acadêmicos e científicos

Para publicar uma produção acadêmica, temos dois caminhos iniciais: ser repetidores de métodos tradicionais, comportar-se discursivamente de acordo com o método, o que é imposto ao sistema, ou ir irreverentemente para redirecionar nosso pensamento e subverter-nos eticamente ao que é conveniente ou não à humanidade com a nossa contribuição; está na moda para respeitar; se não obedecermos, estamos fora. Qualquer mornidão é continuar colonizada no cone da modernidade/pós-modernidade que continua sendo exclusivo.

Claro, existem múltiplas formas de pensar acadêmica e cientificamente, que se traduzem em diferentes e variadas maneiras de comunicar o pensamento através da escrita. O que fazemos como pesquisadores e como comunicamos nossa pesquisa é sempre uma opção; bem, como disse o pesquisador Rigoberto Lanz: as palavras não são neutras. Para que lado vamos?

Como discutido no rizoma anterior, sabemos que somos vítimas do breve processo de formação, mas também formamos comunidades de mudanças e contribuições complexas. Conhecemos e desfrutamos das contribuições construídas na humanidade; mas também sabemos que a crise que estamos vivendo em qualquer sentido é a crise da humanidade. Edgar Morín percebe isso. A vida em crise dá conta disso. A (re)civilização também aguarda escrituras e investigações.

Escrever que ignora e/ou rejeita a sensibilidade humana é a escrita preferida da própria crise da humanidade. Escrever e retirar-se do processo é a forma mais elementar de se alienar do próprio conhecimento, além de produzir conhecimento insensível à vida. Quando falamos em não ignorar a sensibilidade na escrita, estamos falando de combater o método tradicional de escrita acadêmica e científica secular. Todavia, a irreverência não significa que a excelência não seja promovida, que não seja incentivada; devemos ir como nas Escrituras Sagradas em busca da excelência como na utopia na práxis de Paulo Freire.

Então, voltamos às estratégias complexas de escrita. Nas complexas estratégias de textos carregados de sensibilidade, a crise de nossas ações, da incompletude da consideração humana, é imperativo.

achar que a sensibilidade é uma parte inerente ao tema e que a pedagogia deve considerá-la uma chave hermenêutica para ensinar sobre a vida, a partir de um ensino existencial transmitindo conhecimento a partir de um processo fundamentalmente intersubjetivo que leva ao reconhecimento de si mesmo como um sujeito sensível, capaz de articular mundos, ou visões de mundo, a partir da subjetividade, não como um artifício para produzir mundos fictícios ou artificios, mas como instrumento de ressignificação de espaços enunciados que nunca deixam de articular representação e significado (HERNÁNDEZ CARMONA, 2014, p. 235, nossa tradução).

Seria bom rever e esclarecer, e vamos ficar animados para saber o que é uma estratégia complexa? Com o que está relacionada? Para isso, a conscientização deve permear as estratégias; não há reconhecimento da complexidade e suposição dela se os textos não se refletirem sob a consciência de que "haveria necessidade de uma cidadania planetária, uma consciência cívica planetária, uma opinião intelectual e científica planetária, uma opinião política planetária" (MORÍN; KERN, 1993, p. 117). No sentido de que uma estratégia complexa requer: sistema, circularidade, dialógica, causalidade complexa, interações, (poli)círculos relacionais e religião (ARROYAVE, 2003; MORÍN; CIURANA; MOTTA, 2002).

Então, achamos que esta é uma primeira estratégia dos textos, chamá-los de acadêmicos ou o que você quiser: eles devem estar carregados com um pertencimento e com seu sentimento, ou, pelo menos, alguns pesquisadores devem lidar com problemas básicos em toda a sua complexidade e não com soluções convenientes para poucos. Trata-se de uma estratégia de escrita digna de ser salvaguardada, como em muitos dos textos escritos em formato de ensaio: a essência da vida e suas vicissitudes. Isso ocorre porque a ciência não é absolutamente objetiva, concreta; mas sim uma produção humana carregada de sensações, sentimentos e ideias - não há neutralidade, mas subjetividade (FORTUNATO, 2017).

A partir desta primeira estratégia de escrita, outras emergem e se ramificam. Tome-se, por exemplo, o famoso produtivismo acadêmico, evidenciado pela velha frase "publicar ou perecer". Bem, há muitas críticas a este modelo científico (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015; SGUISSARD, 2010), mas as ações tendem a dizer que o produtivismo é mais do que respeitado, ou seja, o número de publicações continua aumentando a cada dia. Assim, a estratégia que podemos tirar dessa relação entre produzir conhecimento e tornar-se um pesquisador produtivista é a resposta para a seguinte pergunta: Temos algo fundamental para escrever, ou estamos simplesmente procurando dados aleatórios em nossa linha de pesquisa para alcançar os objetivos dos itens por período?

Não é incomum ver nossos alunos, de qualquer nível, ou mesmo outros professores universitários expressando interesse em "escrever um artigo". Esse interesse precede o interesse

pelo tema a ser investigado, sua importância para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Você quer escrever artigos porque você tem a escrita como seu objetivo, não como resultado de pesquisas que buscam registrar seus resultados, hipóteses, ideias, etc. Assim, nomeamos o seguinte como uma estratégia complexa: vamos ter em mente que a redação de um artigo não é o objetivo do pesquisador, o objetivo é o resultado de seu trabalho de pesquisa.

Seguindo essa estratégia, nos deparamos com outra problemática, que surge a partir da seguinte pergunta: o que fazemos com nossas ideias, teorias, teoremas, axiomas, hipóteses...? A pesquisa nem sempre é realizada através de experimentos controlados ou coleta de dados concretos, mas muitas vezes produz conhecimento à medida que algumas conexões (óbvias ou invisíveis) são percebidas na complexa teia de significados do mundo. É por isso que tomamos como válida a seguinte estratégia: escrever através de um formato de texto chamado "ensaio", através do qual se tem mais liberdade para expressar pensamentos, sentimentos e expectativas sobre a transformação e o desenvolvimento da humanidade. Liberdade, mas sem perder a coerência, o rigor e a profundidade necessários para qualificar o conhecimento.

Aqui, queremos especificar algumas caracterizações dos ensaios que são, naturalmente, textos acadêmicos como uma insurreição à cogitação modernista dos artigos divididos em: Introdução, Desenvolvimento, Resultados e Conclusões. O ensaio é uma insurreição a esquemas estereotipados, onde a forma e o processo importam mais do que o que é comunicado. Tudo isso acontece, como em muitos casos, com o uso da tecnologia; importa mais como o instrumento é usado, como ele é marcante, isto é, as regras impostas, do que o que é comunicado com as tecnologias. O aprofundamento de um tema em qualquer escrita nunca será completo, nem terminado.

O detalhe linear visto nos textos acadêmicos baseia-se em uma estrutura rígida, e sim no cumprimento de uma série de etapas. É bom assim falar sobre a profundidade do que é comunicado. Por que os ensaios muitas vezes comunicam melhor o que você quer dizer? E é que a essência da vida, conhecendo a subjetividade marcada no ensaio, libera o conhecimento profundo, além das estruturas rígidas mostradas, por exemplo, em Rodríguez e García (2015).

E para quase concluir esse rizoma sobre estratégias complexas de escrita, afirmamos uma estratégia mais utilizada aqui neste ensaio: rizomas como elementos organizacionais da escrita de textos acadêmicos e científicos. Um termo emprestado da biologia (um caule na forma de uma raiz, que reserva nutrientes e gera novos ramos), torna-se uma metáfora importante para a escrita que toma a complexidade como um meio de decifrar o mundo.

Assim, em vez da pesquisa visando a compreensão completa de um único elemento em sua totalidade, isolando-o da organicidade da vida, o que se busca é compreender o elemento

em suas múltiplas e variadas conexões com vários outros elementos. Olha-se o que Fritjof Capra (1999) chamou de "Teia da Vida", muito diferente da simplificação cartesiana. Através dos rizomas, há sempre a esperança de que as coisas sejam explicadas com rigor e profundidade, enquanto as dúvidas flutuam no ar, gerando motivação para continuar investigando.

Claro, não vamos esquecer uma estratégia complexa por excelência: pesquisar e escrever sob transmetódicos com transmétodos, em que um exemplo é a desconstrução rizomática que temos usado em nossa pesquisa e nos permeia com decolonialidade e responsabilidade. Outros transmétodos dos publicados são convidados a investigar e ampliar seus sentimentos e inclusões. Com isso, a hermenêutica abrangente, ecosófica e diatópica que temos falado merece atenção especial.

Elencamos, então, as cinco (5) estratégias compartilhadas aqui; longe de serem os únicos, há alguns que usamos em nossa pesquisa em busca de mais significados da humanidade no universo acadêmico e científico: (1) os textos devem ser carregados com relevância; (2) a redação de um artigo não é o objetivo do pesquisador; (3) o ensaio é um formato mais livre, mas com rigor e profundidade; (4) os rizomas organizam um texto sem tornar sua estrutura muito rígida a ponto de trazer verdades absolutas, mas relativizar o conhecimento, permitindo identificar desenvolvimentos no complexo tecido da vida; e (5) investigar e escrever com o uso de transmetrias complexas, planetárias decoloniais, transdisciplinar e abordar a complexidade da vida em todos os sentidos com o pensamento.

Rizoma (in) conclusivo. Considerações na construção de uma produção acadêmico-científica.

A escrita é parte fundamental do trabalho acadêmico e científico; afinal, ela permite que a pesquisa seja organizada de forma que deixe claro para o próprio pesquisador os caminhos trilhados na pesquisa. Assim, permite reflexões e inflexões sobre os achados e também a tradução de preocupações em questões claras sobre lacunas de conhecimento, incentivando uma investigação mais aprofundada.

A redação também permite a comunicação e a disseminação de resultados (sempre parciais e inconclusivos) tanto para a comunidade de pesquisa quanto para a sociedade em geral. Sem dúvida, os textos devem ter propósito comunicativo, coerência e coesão. Têm que integrar diferentes níveis: sintaxe, semântica e pragmática. Deixe-os chegar ao leitor. Escrevemos para alcançar e capturar a leitura; da mesma forma, quando falamos, sabemos que queremos ser

ouvidos não com o tambor de ouvido que ouve, mas com o interesse de continuar ouvindo e discernindo sobre isso.

Assim, voltamos à imersão das estratégias complexas que podem ser elucidadas em relação aos textos em qualquer uma de suas apresentações; para quem quer e está entusiasmado em torná-los únicos. Por mais que as regras sejam seguidas; se a escrita não aprofunda seu sentimento, manifesta-se com especial interesse e charme poético, com dor e alegria; então se estará dizendo, com ornamentos e citações, normas adequadas curvando-se à tradicionalidade, a mesma coisa que todo mundo quer ler.

E já percebemos que os tempos são de crise, pandemia, fascismo, dominação, aculturação... seguimos o tradicional, as normas, as mesmas velhas regras? E que resultado é esse, se não mais progresso tecnológico e mais atraso para a humanidade? Isso foi gravado pelo escritor Russell Baker, em uma coluna para o New York Times em fevereiro de 1970: "Coisas terríveis que são feitas com a desculpa de que o progresso exige que não sejam realmente progresso, mas simplesmente coisas terríveis." (apud PETER, 1986, p. 111). Daí a indignação de Laurence Peter (1986, p. 10) que compartilhamos porque concordamos totalmente: "Como é possível que as coisas se desenvolvam de forma tão diferente do que o senso comum poderia esperar?"

É por isso que não consideramos a escrita tão trivial e sempre tentamos respeitar as estratégias complexas que trouxemos à tona neste texto. Escrevemos sobre o que nos move e sobre as indignações da vida, mas não fazemos isso porque temos um objetivo ou porque somos cobrados como objetivo de trabalho produtivo. Continuamos ensaiando sobre educação, sobre a vida, sobre o progresso que não é progresso, sobre a colonização da cultura, da mente e das pessoas.

Apresentamos nosso pensamento através de rizomas, porque a vida não é linear, mecânica, objetiva..., mas é literalmente um rizoma, onde cada parte contém o todo e o todo está em cada parte. E de cada parte surgem novos ramos, novas formas de vida e assim por diante, de uma forma complexa...

AGRADECIMENTOS: O primeiro autor é grato, da única fonte de sabedoria: Deus nos permeia com seu Espírito Santo, assim como nas Escrituras Sagradas Deus declara "porque meus pensamentos não são seus pensamentos, nem seus caminhos meus caminhos", declara o Senhor. Pois como os céus são mais altos que a terra, meus caminhos são mais altos do que seus caminhos, e meus pensamentos são mais altos que seus pensamentos" (Isaías 55: 8-9, nossa

tradução). Reconhecendo que a realização da sabedoria é um processo de profunda metamorfose: "sábio no coração e robusto em força, quem o desafiou sem danos?" (Jó 9: 4, nossa tradução).

REFERÊNCIAS

ARROYAVE, D. La revolución pedagógica precedida por la revolución del pensamiento: un encuentro entre el pensamiento moriniano y la pedagogía. *In: ARROYAVE, D. (org.). Manual de iniciación pedagógica al pensamiento complejo*. Ecuador: Publicaciones UNESCO, 2003.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1999

DUSSEL, E. **1492: El encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad**. La Paz: UMSA, 1994.

FORTUNATO, I. Cientificamente comprovado (?): Reflexões sobre o conhecimento científico. **Holos**, Natal, ano 33, v. 2, p. 436-441, 2017. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4354>. Acesso em: 13 mar. 2021.

HERNÁNDEZ, B. A. R.; GARCÍA, L. B. V. Escritura de textos académicos: dificultades experimentadas por escritores noveles y sugerencias de apoyo. **CPU-e, Revista de Investigación Educativa**, v. 20, n. 1, p. 249-265, 2015. Disponível em: <https://cpue.uv.mx/index.php/cpue/article/view/1332>. Acesso em: 20 jun. 2021.

HERNÁNDEZ CARMONA, L. J. La pedagogía de la sensibilidad y los acercamientos al sujeto descentrado. **Educere**, Mérida, v. 18, n. 60, p. 229-236, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/356/35631743012.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2020.

MATURANA, H. **Desde La Biología a la Psicología**. Buenos Aires: Lumen, 2003.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas y seres vivos**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1995.

MORIN, E.; CIURANA, E.; MOTTA, R. **Educar en la era planetaria: El pensamiento complejo como método de aprendizaje en el error y la humana**. Bogotá: UNESCO, 2002.

MORIN, E.; KERN, A. **Tierra Patria**. Barcelona: Kairós, 1993.

PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: Uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cad. EBAPE.BR**, v. 13, n. 1, artigo 1, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/HL7xXqvSVnf43TjFfQ4NVwt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2021.

PETER, L. J. **A pirâmide de Peter**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

RODRÍGUEZ, M. E. Re-ligar como prática emergente del pensamiento filosófico transmoderno. **ORINOCO Pensamiento y Praxis**, v. 7, n. 11, p. 13-30, 2019a. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7798409.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RODRÍGUEZ, M. E. Cohabitando con el conocimiento transdisciplinar: Estrategias para la convivencia de los saberes. **Investigación Educativa Duranguense**, Durango, v. 11, n. 19, p. 5-15, 2019b. Disponível em: <http://www.upd.edu.mx/PDF/Revistas/InvestigacionEducativaDuranguense19.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

RODRÍGUEZ, M. E. Deconstrucción: Un transmétodo rizomático transcomplejo en la transmodernidad. **Sinergias educativas**, v. 4, n. 2, p.1-13, 2019c. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/382/3821582003/html/index.html>. Acesso em: 27 dez. 2020.

RODRÍGUEZ, M. E. La hermenéutica comprensiva, ecosófica y diatópica: Un transmétodo rizomático en la transmodernidad. **Perspectivas Metodológicas**, v. 20, e17-04, p. 1-15, 2020a. Disponível em: <http://revistas.unla.edu.ar/epistemologia/article/view/2829>. Acesso em: 12 fev. 2021.

RODRÍGUEZ, M. E. La halterofilia del cerebro como esencia del re-ligar del pensamiento en la educación. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 6, e021003, p. 1-22, 2020b. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/download/324/118/921>. Acesso em: 5 maio 2021.

RODRIGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I. Humberto Maturana e a humanidade na formação de professores: Contribuições para um sentipensar na educação. **Temas em educação e saúde** Araraquara, v.17, e021020, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/15601>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SANTOS, B. S. **Por una concepción multicultural de los derechos humanos**. Ciudad de México: Universidad nacional Autónoma de México, 1998.

SGUISSARDI, V. Produtivismo acadêmico. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A.; VIEIRA, L. (org.). **Dicionário de trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.

TORRES MORERA, L. M. Errores comunes que se producen en la escritura de los artículos científicos. **Rev Soc Esp Dolor**, v. 20, n. 3, p; 105-106, 2013. Disponível em: <https://medes.com/publication/83788>. Acesso em: 21 nov. 2020.

Como referenciar este artigo

RODRÍGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I.; SANTOS CRUZ, J. A. A linguagem escrita para a produção de textos científico-acadêmicos na desconstrução rizomática. **Rev. EntreLinguas**, Araraquara, v. 8, n. 00, e022034, jan./dez. 2022. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v8i00.16878>

Submetido em: 13/11/2021

Revisões requeridas em: 26/12/2021

Aprovado em: 09/02/2022

Publicado em: 30/03/2022